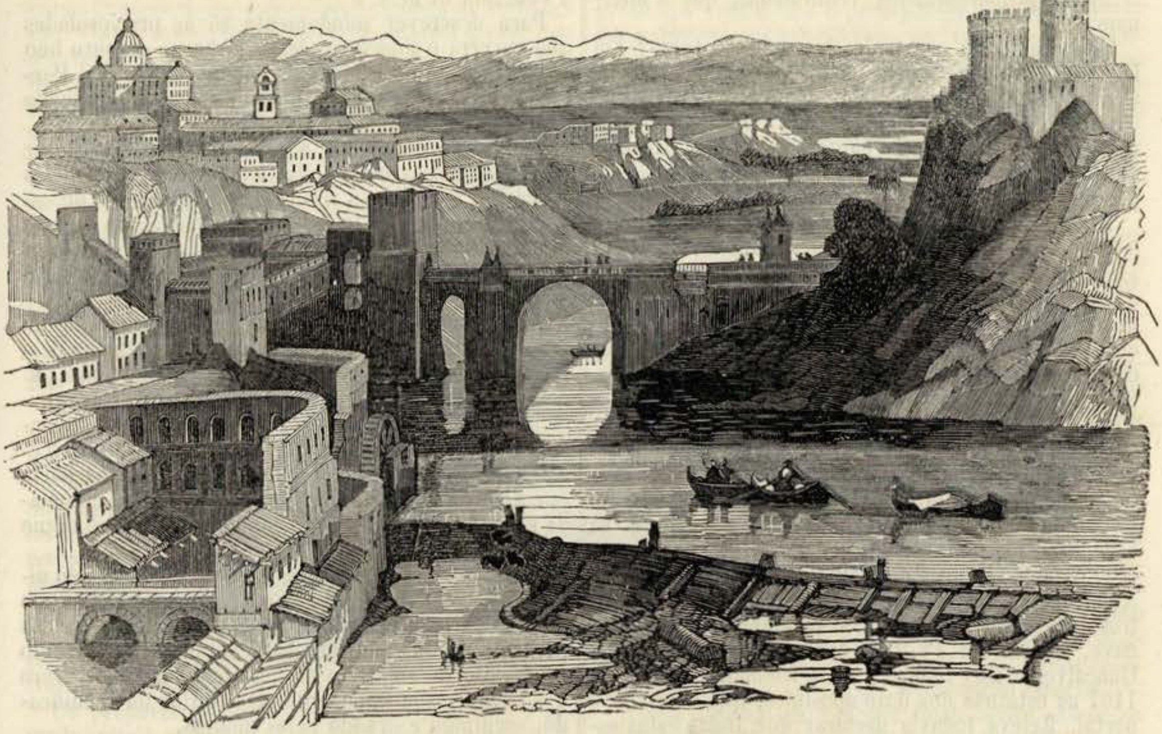


Toledo.



Toledo (*Toletum*), capital da intendencia do mesmo nome, no visinho reino, está situada, em posição sobranceira, sobre o Tejo, a 57 kilometros (11 legoas e meia) de Madrid.

Poucas povoações de Hespanha podem rivalisar com a nobre Toledo, em antiguidade e importancia de alguns de seus monumentos.

De origem phenicia a crêem unanimes antiquarios e historiadores; colonia e municipio a constituiram depois os romanos; e em Toledo se reunia e arrecadava todo o ouro explorado nas minas da peninsula iberica, que era n'aquelles remotissimos tempos uma especie de California.

Vieram os godos, e namorados da bondade da sua situação, e formosura dos seus campos, a erigiram em capital, enriquecendo-a de muitos edificios, dos quaes ainda restam vestigios.

No anno 714 passou ao dominio dos mouros, e quando as dissenções civis produziram o desmembramento do califado de Cordova, Toledo, rica e populosissima então, pois diz-se que contava mais de 200:000 habitantes, declarou-se tambem independente, com as povoações comarcãs, formando um pequeno estado separado.

Affonso VI a conquistou no anno 1085, e por ventura inspirado dos mesmos motivos que haviam decidido os reis godos a elevarem esta cidade á categoria de capital, erigiu Toledo em séde da corte de Castella; no reinado de Carlos V foi capital de toda a Hespanha, preeminencia que a villa de Madrid lhe usurpou comtudo no seguinte reinado de Filippe II.

No tempo dos godos dezesete concilios se reuniram em Toledo, e alguns d'elles foram, politicamente fallando, de maxima importancia.

Acrescente-se a estes factos que Toledo foi, se não a primeira, uma das primeiras terras de Hespanha que abraçaram o christianismo, tendo a sua sé metropolitana o titulo distinctivo de sé primacial, que aliás lhe disputa com solidos fundamentos a diocese de Braga, e ter-se-ha em breves palavras a historia d'esta grande cidade.

Agora occupar-nos-hemos dos seus monumentos mais notaveis, servindo-nos da interessante relação de um viajante, que mui recentemente visitou Toledo.

Sobresae a todos a famosa cathedral, por ventura um dos mais bellos templos da Hespanha. Uma torre magestosa e ao mesmo tempo elegante a denuncia de mui longe ao forasteiro absorto.

É um primor de arte esta torre, e divide-se em tres corpos; dois de fórma prismatica, e a agulha, que a remata, pyramidal. O primeiro corpo assenta em uma base quadrilatera, medindo 56 metros, e 66 centimetros em altura sobre 15 metros de lado. O segundo está baseado em um octogono, e tem de altura 24 metros e 66 centimetros. O ultimo corpo, levantado sobre uma base de 24 metros, tem 28 metros e 33 centimetros, isto é, 20 metros a agulha, 4 os globos que a coroam, e 4 metros e 33 centimetros a cruz que domina todo o edificio. Ao todo 109

metros e 65 centimetros, ou 493 palmos de medida portugueza, desde a base até ao remate da cruz!

Em torno do segundo corpo prismatico da torre corre uma airosa galeria, e assentam as agulhas e arcarias, primorosamente rendilhadas, que a adornam.

Quem mandou construir esta soberba torre? Foi D. Pedro Tenorio, arcebispo de Toledo? foi D. João Contreras, outro prelado do seculo XV? Isso é que os archeologos não poderam ainda resolver. Parece, porém, averiguado que o cardeal Porto-Carrero mandára levantar a agulha actual, em substituição da primitiva, que o fogo destruira em 1660.

É na gigantesca torre da cathedral que se admira a *campana*, sino immenso, cujos sons se ouvem a grande distancia. Tem 11 metros e 33 centimetros de circumferencia, e 3 metros e 75 centimetros de diametro, pesando 19:300 kilogrammas. Foi fundido em 1773 por Alexandre Gargollo. Infelizmente rachou ao primeiro dobre, e n'este estado se conserva.

O interior do templo corresponde perfeitamente á alta idéa que o exterior faz conceber. Antes de penetrarmos, porém, no recinto sagrado, digamos algumas palavras da fachada. Delineada segundo o systema mais commum nas antigas cathedraes, não ha na frontaria cousa de mui particular a notar-se, se exceptuarmos comtudo as portas, esplendidamente esculpidas no começo do seculo XV, sob a direcção de Alvaro Gomes, pelo celebre Lourenço Martinez e outros habeis artistas, e a grande janella do fundo da nave, datada de 1479, e executada por Fernando Gonçalves e Ruy Sanches. João Aleman esculpiu em 1467 as estatuas dos doze apostolos, que adornam o portal. Releva todavia declarar que todas estas esculpturas, que o tempo deteriorára sensivelmente, foram restauradas com singular perfeição por Eugenio Durando e D. Ventura Rodrigues em 1777.

A nave do templo é incontestavelmente gothica, e decorada pela mão paciente dos mouros. A grandeza e o capricho, a regularidade e a phantasia, parece terem-se dado as mãos. Com effeito, não se póde imaginar nada mais elegante, mais formoso e mais solido, nem de um conjuncto mais harmonico.

Se o effeito geral não póde ser melhor nem mais agradavel, a analyse detida do templo faz descobrir ainda mais riquezas e maravilhas de arte. As capellas de D. Alvaro de Luna e de Santo Ildefonso são primorosos specimens de esculptura do XV seculo.

A do *Sagrario* é de uma magnificencia inaudita. Após um amplo perystillo, segue-se uma porta colossal de marmores polychromos, vermelhos, pretos, cinzentos, brancos. Por esta porta se penetra no sanctuario, dividido nos quatro angulos em quatro pequenos oratorios, e ornado de dois tumulos sumptuosos, o de Sandoval e Roxas, grande inquisidor do reino, e o da sua familia.

O *Sagrario* foi acabado, após quarenta e oito annos de trabalho, por João Baptista Montenegro, e por Affonso Encinas, em 1638. João d'Harra, Andrea Montoya, João Sola, Francisco Melendez e Bartholomeu April alli trabalharam egualmente, sob a inspecção dos dois grandes artistas.

No sanctuario se guarda uma imagem da Virgem, que é das mais venerandas de toda a Hespanha, e a respeito da qual Santo Ildefonso nos refere o seguinte:

« Sabemos por tradição respeitavel que, depois da batalha de Guadalete, Godman, governador godo, não podendo resistir aos mouros, que assediavam Toledo, e querendo evitar a profanação da *Virgen del Sagrario*, escondeu a santa imagem em um subterraneo da basilica, aonde se conservou desde 712 até ao fim do XI seculo, epocha em que a cidade foi reconquistada pelos christãos. Foi D. Bernardo, arcebispo no tempo de Affonso VI, que por celeste revelação descobriu o sitio em que a sagrada imagem da Mãe do Salvador estava escondida, e que a mandou collocar, com grande pompa, no logar em que agora a veneram os fieis. »

Para descrever miudamente só as preciosidades que encerra o *Sagrario*, desde o throno de ouro fino da virgem até ao esplendido tumulo do cardeal Porto-Carrero, seria mister largo espaço, e detalhado exame, que nos não é licito fazer.

Depois da cathedral, não ha muito que admirar em Toledo; notaremos todavia a antiga capella de *las Mercedes*, que depois recebeu a denominação de capella de *Christo de la sangre*, e, como ainda hoje se diz, *do Christo da alampada*. Todas estas designações estão ligadas a tradições e lendas mais ou menos romanticas.

A magnifica ponte sobre o Tejo é obra digna da mais seria attenção. A ponte passa por gothica; destruida por uma inundação em 1207, em 1360 padeceu novos estragos por occasião das guerras fratricidas entre Pedro o cruel, e Henrique de Trastamara. A tradição popular attribue-a, porém, ao arcebispo D. Pedro Tenorio. É terminada de uma parte por uma torre, cheia de inscripções arabes, e apoiada sobre um serro solitario, no alto do qual se ergue o *Mirador*.

O *Mirador*, especie de pavilhão, edificado pelo ultimo rei godo Rodrigo, era outr'ora dependencia do alcaçar ou palacio real. É a parte mais moderna dos paços de Wamba, antigualha veneranda, monumento prodigioso de solidez e de grandeza, de luxo severo e de magestade imponente. O interior foi reedificado, esculpido e ornado pelos mouros.

A torre mais proxima do serro pertencia ao palacio da Cava, a impudica filha do conde Julião.

Do alto do serro, e sobre tudo do *Mirador*, a vista espraia-se com deleite pela immensa *sagra*, ou varzea de Toledo. O Tejo alli serpeia mansa e magestosamente, mirando-se nas suas aguas centos de casas de campo, a que chamam *cigarales*. O horisonte é limitado pelas sombrias montanhas de Toledo, cobertas de mattas.

Apontaremos ainda a ponte de Alcantara, a grande synagoga, hoje egreja catholica, sob a invocação de *Transito*, e o magnifico hospital civil.

Em quanto a estabelecimentos industriaes, que mereçam mencionar-se, só achâmos a fabrica de armas brancas, que tem, desde seculos, reputação universal.

Havia em Toledo uma universidade mui florescente. Mas desde 1807 esta gloria de Toledo acabou com as outras, porque a universidade passou para Alcalá, que está collocada a quarenta kilometros de Toledo, e a vinte kilometros de Madrid.

O aspecto exterior da cidade, que a nossa gravura representa, é mui pittoresco. O interior comtudo não corresponde de modo algum ao que se deveria esperar, porque, como em todas as povoações antigas, as ruas são irregularmente traçadas, tortuosas, e pouco aceadas; as praças não abundam; e as habitações acanhadissimas, mal distribuidas, e algumas com a apparencia de imminente ruina.

Toledo conta hoje apenas 16:000 habitantes, pouco mais ou menos.

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO.

(Continuado de pag. 109).

Os negocios do pretendente portuguez estavam longe de melhorar. Nos navios inglezes que sem licença sua iam commerciar a Guiné, via um ultraje aos seus direitos magestaticos, que a coroa de Ingla-

terra reconhecia, e talvez, mais que isso, temesse, na eventualidade tão suspirada de se ver no throno, as consequencias do costume que ia fazendo lei, e podia prival-o d'um privilegio, que valia muito como recurso financeiro, ou valeria como moeda de retribuição. Outra razão, menos geral, mas mais actual, podia tambem levar D. Antonio a pedir á rainha Isabel, que prohibisse aos seus subditos aquelle commercio, uma vez que elle lhes não désse licença, sob pena de confiscação do navio e da carga, um terço do seu valor para elle, outro para a rainha, e outro para o denunciante. (1) A esperança de recolher pela concessão das licenças que désse, ou das presas que se fizessem, desde que isso fosse decretado pela rainha, alguns meios para attenuar o rigor das suas finanças, podia tambem ter concorrido para aquella insistencia. Entretanto muitos negociantes vieram com reclamações em contrario, e o pedido do prior parece que não teve mais seguimento, nem produzíra nenhum dos resultados que elle desejava.

A despeito de tudo isto as relações politicas entre o pretendente e Isabel tendiam a estreitar-se cada vez mais. A fama que corria pelo mundo dava testimunho d'este facto, que era verdadeiro. Dizia-se mesmo em Hespanha que o governador de Ceuta tratava de entregar a praça ao Xarife, em consequencia d'um tratado celebrado entre o prior e a rainha. (2) Não fôra milagre, e podia ser uma consequencia das negociações entaboladas com Marrocos; e se esta especie era infundada, não succedia o mesmo á diligencia que de commum accordo empregavam para contrariar a Hespanha.

Os preparativos de Filippe II para despedir a armada, que o partido de Castella chamava invencivel, e pouco depois teve fim tão desastroso, mas politicamente tão providencial, segundo a opinião do tempo, estimulavam os inimigos a se prepararem a reagir e atacar. D'ahi os aprestos para uma expedição contra Portugal. No *State papers office* (3) existe uma nota do mez de fevereiro, em inglez, de sir John Harrey, sobre as condições ajustadas para o pagamento das despezas que se fizessem com aquella expedição. Uma carta de D. Antonio promettia reembolçar os gastos da empreza. Elle mesmo passára ordem a favor dos negociantes inglezes em Marrocos por dez mil libras, procurando ver se sobre a sua assignatura obtinha fundos com que fornecer umas cincoenta mil armas aos portuguezes. O resto das despezas promettia pagal-o, mal desembarcasse em Portugal, com o producto do vinho, do azeite, do sal, e d'outros generos e mercadorias, que por força, contribuição, ou outra qualquer fórma procuraria fóra do reino. Para pagamento dos soldados promettia applicar o dinheiro que lhe viesse da Barberia, assim como quaesquer sommas que podesse levantar em Portugal. Todos os soldados e officiaes dentro de dez dias, depois do seu desembarque no reino, seriam passados em revista, para se apurar o seu numero. Cada um receberia tres mezes de soldo. O serviço começaria a contar-se do embarque em Londres, e passados que fossem os primeiros tres mezes o pretendente mandaria pagar mensalmente aos expedicionarios, trazendo-lhes sempre adiantado um mez de soldo, em quanto estivessem ao seu serviço.

No mesmo archivo inglez e no mesmo maço está o papel, escripto em francez, que parece ser resposta de D. Antonio ás condições que acabâmos de expor, e deviam servir de base ao contrato. (1)

Ao tempo que isto se negociava, e a rainha dava instrucções aos commissarios inglezes nomeados para tratarem pazes com Hespanha, recommendando-lhes que evitassem o ponto da extradição de D. Antonio, ou de qualquer pessoa da sua comitiva, e se declarassem sem poderes para tratar de similhante incidente, com o que mostrava o empenho com que extendia a sua protecção sobre o prior; (2) D. Antonio não cessava de lastimar-se do desgraçado estado dos seus negocios. A sua carta em italiano, que lord Burghley recebeu em 10 de março, continúa queixas antigas e já mui repetidas. (3)

A diligencia que Isabel empregava para restituir D. Antonio ao throno, soava em toda a parte. Dava-se mesmo como cousa assentada, que entravam no concerto, e acudiam ao soccorro o sultão de Constantinopla, e o rei de Fez. Em Veneza, d'onde John Wroth escrevia em 22 de maio ao secretario d'estado Walsingham, andava a nova tão espalhada e talvez festejada, que mereceu então commemoração especial. (4)

A voz publica não era sem fundamento. As negociações com Marrocos tinham-se adiantado muito. Depois das promessas de Muley-Hamet, no anno antecedente, pareceu ser chegada a occasião de negociar o seu cumprimento. Para esse fim enviou alli D. Antonio um agente, que teve diversas conferencias com o rei de *Fez*, e com o grão-visir, seu ministro. O que n'ellas occorreu relata-o Henry Roberts, agente de Inglaterra em Marrocos, na carta que em 12 de julho dirigiu ao conde de Leicester. (5)

Muley-Hamet chegára a prometter um emprestimo de quatrocentos mil francos, com a condição de que um filho de D. Antonio lhe ficasse em refens, ou como caução da somma emprestada. Effectivamente o prior expediu seu filho D. Christovão para a corte africana, e Isabel tornou a escrever-lhe pelo mesmo tempo, em 5 d'agosto, renovando as suas instancias para que concorresse a soccorrer o proscripto portuguez. (6) Em 20 de setembro nova carta escripta em hespanhol pela rainha ao soberano marroquino. Então já tinha chegado ao conhecimento da rainha pelas *cartas recebidas*, que elle estava resolvido a auxiliar o *rei D. Antonio* na recuperação de Portugal. Exprime-lhe por isso grande satisfação, exhorta-o a que persevere no empenho, e a que cumpra as promessas. (7)

Os termos a que taes ajustes tinham chegado, a parte principal que n'elles tomára a rainha, o que ainda promettia fazer, obrigaram D. Antonio em cambio d'isso á promessa d'algumas valiosas concessões, que cumpriria logo que alcançasse o throno. A

(1) Mss. do Mus. britan. *bibl. Lansd.* n. 55, d. 22, f. 69. — Figanière, *Catalogo*, 137. — *Quad. elem.* XVI, 201 — A data d'este documento corresponde a 22 de fevereiro de 1588, (12 de fevereiro 1587 da chronologia ingleza) do calendario gregoriano, seguido no resto da Europa, pelas razões que se lêem na *Art de vérifier les dates*, I, 26, (nota sobre a Inglaterra) e 86. Ed. de Paris, 1818. — Póde ler-se com proveito a seguinte nota que a tal respeito põe o mesmo Figanière, *post* p. XXIII do seu *Catalogo:*

« Desde o XIV seculo o anno em Inglaterra contava-se da festa da Encarnação, isto é, de 25 de março; por um acto do Parlamento, que passou em fevereiro de 1751, foi, porém, determinado que o anno proximo seguinte de 1752, e os subsequentes, começariam em o 1.° de janeiro, abandonando-se o antigo estilo. Ordenou-se, outrosim, pelo mesmo acto, que aos 3 de setembro do dito anno de 1752 fosse adoptada em Inglaterra a reforma gregoriana (levada a effeito pelo papa Gregorio XIII em 5 de outubro de 1582, sendo esse dia contado por 15).

« O modo por que deve proceder-se para achar a data verdadeira d'um documento (inglez) é o seguinte:

« 1.° Em qualquer data até ao anno de 1752, entre o 1.° de janeiro e 25 de março, deve-se acrescentar uma unidade ao *anno* que se encontrar marcado.

« 2.° Desde 5 de outubro de 1582 até ao 1.° de janeiro de 1700 é necessario augmentar 10 dias á data marcada, e desde esta epocha até 3 de setembro de 1752 a data deve ser augmentada em 11 dias. »

(2) Carta anonyma escripta de Madrid em 7 de janeiro 1588 a um ministro inglez. — State papers office, m. 23 dos papeis de Hespanha. — *Quad. elem.* XVI, 208.

(3) Maç. 27 dos papeis de Hespanha — *Quad. elem.* XVI, 208.

(1) *Quad. elem.* XVI, 210.

(2) State papers office, m. 23 dos papeis de Hespanha. O documento tem este titulo: *Abstract of the principal points of the Instructions given to the commissioners apponiter to treat upon a peexce with Spain.* — *Quad. elem.*, XVI, 210.

(3) *Bibl. Lansd.* n. 55, d. 39, f. 107.— Figanière, *Catalogo*, 137. — *Quad. elem.* XVI, 208.

(4) *Bibl. Harl.* n. 286, f. 134. — Figanière, *Catalogo*, 13. — *Quad. elem.* XVI, 211, traz errada a remissão, que, em nota, faz d'este documento.

(5) *Bibl. Harl.* n. 296, f. 207. — Figanière, *Catalogo*, 15.— *Quad. elem.* XVI, 212.

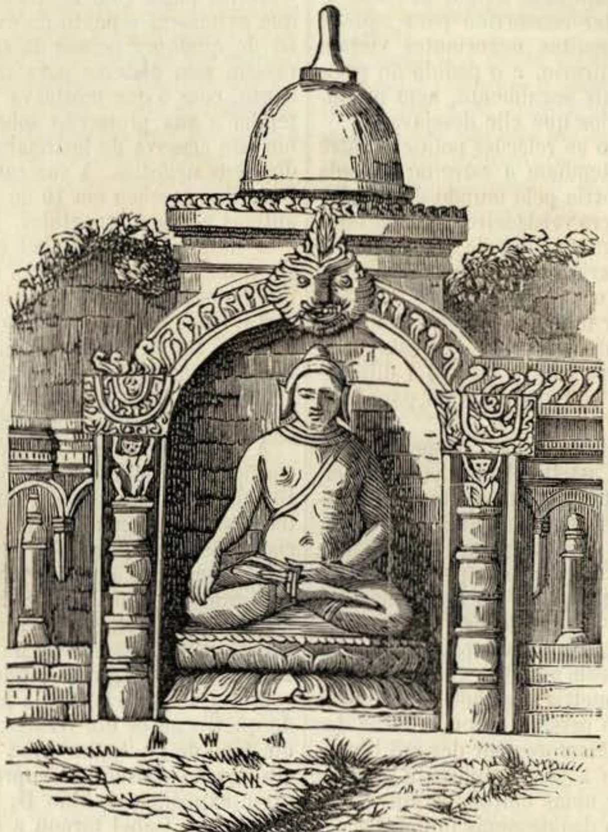
(6) *Briefve*, etc, 74-77.—*Quad. elem.* XVI, 212, dá a esta carta a data de 8 d'agosto.

(7) *Bibl. Harl.* n. 296, f. 203. — Figanière, *Catalogo*, 15. — *Quad. elem.* XVI, 212.

carta em italiano, que pelo seu proprio punho escreveu a lord Burghley, em 23 d'outubro, é o como tratado, por que entre outras cousas se obriga para com a Inglaterra a nunca fazer paz com Hespanha sem consentimento da rainha, e a auxilial-a todas as vezes que ella declare guerra áquelle estado da peninsula. Tambem se obrigava a conceder aos subditos britannicos muitos privilegios, mórmente no que tocava ao commercio da India, etc. Para maior fé das estipulações d'esta carta, mandou o prior que se lhe pozesse o sêllo das armas reaes de Portugal, e com elle se conserva ainda. (1)

O alcance das concessões assim feitas por D. Antonio; a anxiedade em que a propria Isabel estava de tentar alguma cousa contra Filippe II, para tirar desforra das ameaças que elle lhe fizera com a *invencivel armada*, foram de certo parte para que se decidisse a armar uma expedição contra Portugal. Era assim que queria responder ás sollicitações de D. Bernardino de Mendonça, embaixador de Castella, e á carta (1) que o proprio Filippe II lhe escrevêra pedindo a extradição do prior.

Entretanto, ao passo que tratava do auxilio que daria a D. Antonio, a Inglaterra não suspendia em Madrid as negociações para um tratado com Hespanha, e ainda em 3 de fevereiro 1589 dava instrucções ao



Idolo de Boudha.

seu embaixador alli, para o caso do governo castelhano suscitar a questão de não dever a rainha ajudar o prior do Crato. (2)

O auxilio de Isabel, que veiu a constar d'uns doze mil homens de terra e mar, os primeiros commandados por lord Norrys, e os segundos por sir Francis Dracke, estava a ponto de concluir-se. Em março calculava-se com rigor o que seria necessario para equipar a esquadra; (3) e tambem não se esqueciam de pôr bem em relêvo as vantagens que podiam resultar d'este auxilio prestado a D. Antonio. (4) Ashley recebe em 14 de março instrucções de lord Burghley para acompanhar a expedição; (5) D. Antonio, antes de largar, com ella, a Inglaterra, não se esquece de escrever no 1.º d'abril uma carta ao lord thesoureiro, para lhe agradecer os bons officios que tinha prestado á sua causa. (2)

Ouçamos algumas palavras ácerca d'essa expedição, da bocca d'um francez, Palma-Cayet na sua *Chronologie novennaire* (historia das guerras de Henrique IV de França, de 1589-1598). É elle quem nos falla n'estes termos:

« No mez de maio d'este anno (1589) os inglezes foram atacar os hespanhoes na Galliza e em Portugal, onde o resultado não foi melhor... D. Antonio, que se intitulava rei de Portugal, expulso pelo rei de Hespanha, estava então em Inglaterra; e persuadira o conselho que tanto a nobreza como o povo, que nada desejavam mais que a sua restituição, infallivelmente lhe acudiriam com dinheiro, armas e viveres; pelo que só pedia aos inglezes que o puzessem ás portas do seu reino... Arranjou-se o armamento; os cavalleiros Norrys e Dracke foram nomeados chefes... Constava a frota de seis grandes navios de carga, de vinte navios de guerra, e de mais sete na-

(1) *Bibl. Lansd.* n. 57, d. 36, f. 77. — *Annals of the Reformation and establishment of religion*, por John Strype, t. III. part. 2.ª, 43 (liv 2.º cap. 16.º) Oxford 1824, publicaram esta carta traduzida em inglez. — Figanière, *Catalogo*, 138. — *Quad. elem.* XVI, 213.

(2) State papers office, m. 27 dos papeis de Hespanha. — *Quad. elem.* XVI, 214.

(3) *Bibl. Lansd* n. 60, d. 2, f. 5. — Figanière, *Catalogo*, 139. — *Quad. elem.* XVI, 214.

(4) *Bibl. Cotton.* Galba D, V, f. 331 — Figanière, *Catalogo*, 108.

(5) *Bibl. Lansd.* n. 103, d. 39. — Figanière, *Catalogo*, 145. — *Quad. elem.* XVI, 214.

(1) Faz parte dos *Archivos de Simancas* na bibl. nac. de Paris. A, 55, 76, 77, 78.

(2) State papers office, m. 27 dos papeis de Hespanha. — *Quad. elem.* XVI. 215.

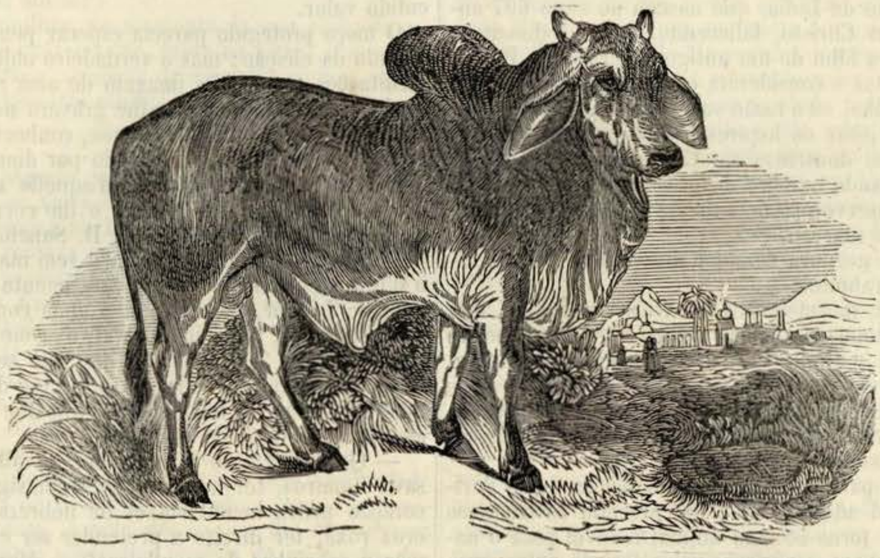
vios bem equipados, nos quaes se embarcaram quinze ou dezeseis mil homens de guerra. Além dos dois chefes, tambem se embarcaram n'ella o dito rei D. Antonio, D. Manoel seu filho, o conde de Essex, que foi n'esta empreza sem licença da rainha, Gauthier d'Evoreux, seu irmão, coronel da cavallaria, Roger William, coronel da infanteria, Eduardo e André de Norrys; e muitos gentis-homens, e capitães inglezes e hollandezes... »

O historiador continúa, contando como Filippe II deu logo ordem ao cardeal Alberto d'Austria — « que era seu governador, para se apoderar de todos os que julgasse favoraveis ao partido de D. Antonio, de qualquer qualidade que fossem; e tambem que desarmasse a arraia miuda, para que nada podesse emprehender a favor do seu inimigo. O cardeal obedeceu tão bem a esta ordem, que a execução d'ella foi a unica causa do pouco resultado que produziu a armada ingleza contra Portugal... »

Prosegue com a historia da expedição, e reflexões mui judiciosas ácerca do seu infeliz resultado; e depois de fallar do ultimo ataque contra Lisboa: — « ... Norrys (diz) fez embarcar a sua gente, da qual achou faltarem tres mil homens; lançou fogo á fortaleza de Cascaes; e deu á vela para Inglaterra, onde chegou no mez de julho, com D. Antonio.

« Os historiadores hespanhoes escrevem que o maior tropheu que este grande apparato dos inglezes deixou em Portugal, foi a ruina d'algumas bellas egrejas. Ora os inglezes haviam o anno passado escarnecido dos hespanhoes, que pensavam que a Inglaterra não tinha força para resistir á sua grande armada, com a qual queriam pôr alli pé em terra, e, pelas armas que os catholicos inglezes tinham tomado ao mesmo tempo, achavam facil a conquista d'esta ilha; mas por diligencia da rainha, nenhum catholico se mexeu lá, e os hespanhoes perderam o seu trabalho, e muitos navios, com alguns milhares de soldados, perda de que foi causa principal o máo tempo que experimentaram no mar. Os inglezes tinham este erro para exemplo, e não deviam cair na mesma falta; mas não lhes serviu de nada, e foram esbarrar na mesma pedra, qual a de pensar que conquistariam Portugal contando para isso com a revolta d'alguns portuguezes do partido de D. Antonio; e querendo levar ao cabo a sua empreza, foram obrigados, depois de frustrados os gastos d'uma tão grande armada, a voltarem para Inglaterra, perdendo metade da expedição, mais pelas doenças que se desenvolveram n'ella, que pela espada, sem terem d'ahi tirado nenhuma especie de proveito. » ([1])

(Continúa).



Boi brahmine.

A RELIGIÃO DE BOUDHA E O BOI BRAHMINE.

Duas religiões principaes, de origem commum, dominam e explicam todo o mundo oriental; o brahminismo e o boudhismo.

O brahminismo, com a sua distincção inexoravel de castas, reconhece um ser supremo, eternamente immovel, Para-Brama, que preside á creação por intermedio de Brahma, de Vichnou e de Siva.

([1]) Coll. Petitot, serie 1.ª, t. 39, p. 143-151.

O boudhismo provém, segundo alguns, do brahminismo, como a religião christã do mosaismo; outros, porém, asseveram que é anterior áquelle.

Parece ter-se formado esta seita na India, 1:000 annos antes da era vulgar; espalhando-se logo depois pelas hordas numerosas da Asia central.

Introduzida na China no seculo I, a Coréa, o Japão e o Thibet a abraçaram successivamente; os mongoes a adoptaram tambem, e hoje conta mais de 200 milhões de sectarios.

O boudhismo suppõe que a nossa existencia actual é imperfeita e sem realidade; que o mundo da materia *(sansara)* é uma illusão dos sentidos, e recommenda a necessidade de desatar a alma dos terrenos laços, para lhe dar entrada no mundo immaterial e verdadeiro, aonde reside Boudha, a intelligencia suprema, e a razão perfeita, que está collocado além do espaço luminoso, n'uma região eterna e indestructivel. É lá que residem as almas que chegaram ao estado de boudhas, assistindo á creação e destruição dos mundos. As mais perfeitas *(tathâgatas)* podem encarnar e descer á terra para salvar as almas presas no mundo material, sobre as quaes tem um poder omnipotente. Chakyamouni, o quarto dos Boudhas já revelados, morreu no anno 542 antes de Jesus Christo, e Maïtreya, o quinto Boudha, ha de apparecer 3:000 annos depois. Depois da morte de um Boudha, a sua imagem conserva-se na terra até á apparição de outro Boudha, e é animada pelas encarnações successivas dos *Bodhisattvas,* ou Boudhas me-

nos perfeitos; assim, pois, os boudhistas adoram hoje Vadmapani, ou a representação de Chakyamouni, que elles crêem sempre visivel na pessoa do Dalaï-Lama do Thibet, seu grande pontifice.

Esta religião, que é ainda muito pouco conhecida, foi perseguida cruelmente pelos brahmines e pelos sectarios de Siva, deus sensual e sanguinario, sendo no fim do seculo v o boudhismo totalmente expulso do Indostão.

Ha entre o culto externo do boudhismo e o do catholicismo muitos pontos de similhança. Bençãos, procissões, exorcismos, uso da agua benta, do thuribulo; jejum obrigatorio; celibato eccleciastico; vestes dos nossos bispos, dalmatica, pluvial, cruz e mitra; finalmente, quasi tudo, na fórma exterior d'este culto, reformado pelo propheta thibetano Tsong-Kaba, revela a imitação do catholicismo.

Uma das gravuras representa o idolo de Boudha actual, imagem de Boudha Gaoutama ou Chakyamouni, sabio da India, que nasceu no anno 607 antes de Jesus Christo, fallecendo, como já dissemos, em 542. Era filho de um antigo soberano de Bahar. Os boudhistas o consideram como a quarta encarnação de Boudha, ou a razão suprema. Aos vinte e nove annos foi visitar os logares santos no deserto; prégou as suas doutrinas em Cachemira, e depois de ter feito grande numero de proselytos, subiu a uma arvore, conservou-se dois mezes e meio em meditação, e alfim morreu.

Na outra gravura damos o desenho de um boi sagrado ou brahmine.

Os indios, mórmente os sectarios de Brahma, tem grandes attenções com os animaes, abstendo-se de os offender, e até de lhes tocar ou de os contrariar.

O boi, que era o animal em que montava o deus Siva, é, porém, para elles sagrado; e esta crença está tão inveterada, que os proprios missionarios catholicos tiveram de pactuar com ella.

Além da particularidade que o boi na India deriva da quasi adoração que lhe prestam os fanaticos brahmines, torna-se este animal notavel para o naturalista e para o curioso, pelas fórmas exteriores; porque a raça indiana differe sensivelmente da sua congenere na Europa, distinguindo-se d'esta pela enorme protuberancia que tem no cachaço, pela pequenez dos cornos, e pelo tamanho das orelhas, como mui bem póde verificar-se pela estampa.

VASCO LOPES.

GRÃO-MESTRE DE SANTIAGO.

III.

Na parte exterior do convento, cujas portas guardavam alguns cavalleiros, andava uma multidão impaciente, como se através das espessas paredes quizesse ver o que se passava no interior. O ruido que formava não era uma como gritaria, mas rumor de respeitosa impaciencia. D'um sem numero de conversações em voz baixa resultava um zumbido surdo e geral. Uns esperavam por curioridade, outros por interesse, pelo nome do novo soberano de Uclés, e não faltava quem tambem se preparasse para contrariar a nomeação, se não recaísse em quem o rei desejava. Havia, pois, curiosos parciaes da ordem, e conspiradores. O prior D. Mendo, presidente dos treze, que n'aquelle momento iam grupar-se á roda da urna, e elevar ao mestrado um dos cavalleiros, era o chefe dos parciaes do rei. Não levára ao capitulo nenhuma esperança de triumpho, mas promettêra minar e destruir a eleição. D. Mendo era, no dizer de todos, ancião respeitavel, modelo de virtude e de religião. Vivia austeramente em companhia de um moço que, annos antes, a caridade expozera ao nascer á sua porta, e amava-o como um pae ama seu primeiro filho. Viviam sós n'uma casa modesta: não tinham por serventes mais que uma criada velha, que criára Ramiro. O cavalleiro sacerdote era como o pensamento d'aquella habitação, de que Ramiro era o ruido, a vida e o movimento, e a criada a providencia. Feliz tivera sido o ancião desventurado, se os negocios politicos não viessem alterar-lhe os ultimos dias. Ramiro tinha então dezoito annos, era as delicias do virtuoso prior, que lhe servira de pae, a alegria da casa, o vinculo que o prendia á terra, o seu pensamento fixo, unico, em toda a parte, excepto no templo, onde ainda assim muitas vezes pedia a Deus fervorosamente por elle.

Ramiro, parcial do rei, porque o chefe d'elles em Uclés era o seu bemfeitor, tinha alma ardente e decidido valor.

O moço protegido parecia esperar pensativo o resultado da eleição; mas o verdadeiro objecto de suas meditações era a bella imagem de uma mulher que, havia seis mezes, o amor lhe gravára no peito com traços de fogo. Sabia-lhe o nome, conhecia-lhe a morada, e mil vezes havia passado por diante d'ella, e visto que os formosos olhos d'aquelle anjo tinham comprehendido a sua paixão, e lhe correspondiam. Mas ella era a rica pupilla de D. Sancha, e elle um infeliz de origem desconhecida, e sem mais apoio que o d'um ancião. Preoccupado unicamente com a imagem de Leonor, embriagava a alma com este amor sem esperança, amor impossivel, o primeiro que sentia o coração, ferida mortal que não se cura mais. Assim abraçára com calor os projectos do rei, como meio de adquirir uma posição que lhe permittisse aspirar ao objecto do seu culto.

— Que cousa tão formosa ser cavalleiro! (pensava Ramiro), ter honras, trazer comsigo e sobre o coração prova incontestavel de nobreza, como é a cruz roxa, ter direito a pretender ser esposo de irmãs e sobrinhas de cavalleiros!... Mas el-rei tambem póde ennobrecer: d'elle manam todas as dignidades e todas as honras...

N'este momento abriu-se de repente a grande varanda de pedra, que deitava sobre a porta principal do convento prioral.

— É a proclamação! (gritaram á uma mais de mil vozes).

De todos os pontos da praça se levantou um grito de acclamação unanime, descommunal e penetrante.

A quem saudava o povo? Elle mesmo o não sabia. Saudava o facto, o grão-mestre, qualquer que fosse; saudava a mudança das cousas; saudava a novidade. Este immenso clamor era uma homenagem, um como sacrificio de pagãos ao deus desconhecido.

Um cavalleiro, acompanhado de varios servidores da ordem, appareceu na varanda, desenrolou o estandarte de Santiago, e gritou ao povo:

— O mui nobre e poderoso chefe soberano e grão-mestre, que acabam de eleger os nobres cavalleiros de Santiago, é D. Vasco Lopes. Tende-o entendido.

O povo com sua voz immensa deu novo grito de acclamação.

— Que vos tinha dito o prior? (perguntavam varios parciaes do rei a Ramiro).

— Que esperassemos.

— E que dirá agora?

— Que não esperaremos muito!

IV.

Brilhante, triumphal foi a saída do grão-mestre, depois de se haver cantado no templo o hymno de

acção de graças ao Deus das batalhas, pela eleição do novo caudilho das hostes de Santiago.

Vasco Lopes caminhava orgulhoso, altivo, rodeado dos cavalleiros; mas, quando saía, encontrou entre as vistas da multidão uma que esperava a sua, que lhe penetrou até ao coração, inexoravel e fria como a folha d'um punhal. Isabel tinha-se posto na praça para o ver sair. Um suor gelado cobriu a fronte, um momento antes tão altiva, do grão-mestre. O ruido e bulicio que o rodeava parecia-lhe como uma voz d'além mundo; o seu triumpho um cortejo funebre; a sua felicidade, ferida de morte, acabava de desvanecer-se.

Os olhos de Isabel, que se tinham encontrado com os seus, continham uma intimação e uma ameaça. Toda a sua fortuna caía por terra diante d'aquella mulher.

Os parciaes do rei, no momento da proclamação, tinham dito, separando-se para conspirar: — « Não esperaremos muito! »

Aquella mulher, no momento da sua saída do capitulo como grão-mestre, posta na praça com ar funebre e fatidico, acabava de dizer-lhe com os olhos:

— Não esperarei muito!...

V.

Haviam passado já oito dias depois da eleição. Isabel, que só viera a Uclés por uns dias, prolongava a sua demora na terra dos cavalleiros. A maior intimidade reinava entre ella, D. Sancha, e Leonor. Todas tres pareciam preoccupadas, D. Isabel com o pensamento fixo e dominante de encontrar a filha que havia tantos annos buscava em vão; D. Leonor pelos primeiros amores que lhe dominavam o coração; D. Sancha, porque o commendador Vasco, amigo de trinta annos, companheiro inseparavel de seu irmão, que todos os dias a visitava, não voltára alli desde a vespera da sua elevação ao mestrado.

Uns interpretavam esta ausencia pela austeridade de costumes de D. Vasco, elevado á suprema dignidade da ordem, e pelo desejo que lhe suppunham de dar exemplo n'aquelles tempos de relaxação, fugindo do trato das mulheres, e parecendo mais religioso que cavalleiro. Pretendiam outros, que o grão mestre buscára na soledade, no isolamento e no retiro remedio a uma paixão amorosa, que, apesar de seus annos, as graças juvenis de Leonor lhe tinham inspirado; havendo quem tivesse observado que os olhos do severo D. Vasco tomavam uma indizivel expressão de ternura, quando se encontravam com os da interessante pupilla de D. Sancha. Todos faziam diversos commentarios; e como a presença de D. Vasco é que attrahia concurrencia áquella casa, foram desertando d'ella, quando suspeitaram que o grão-mestre lhe retirára o favor e a amizade.

Isabel era a unica que conhecia a verdadeira causa da sua ausencia. D. Sancha procurava na oração consolação á magoa que lhe causava a perda da amizade de Vasco, e passava largas horas encerrada no oratorio.

Isabel tinha grande riqueza, e muita formosura ainda. Ignorava-se d'onde lhe proviera aquella independencia. Nunca a ouviam fallar da sua vida, coberta por um impenetravel véo de mysterio. Em vão Leonor, franqueando-lhe o coração, e communicando-lhe os seus segredos, tentára saber os d'ella. Nada conseguira nunca, inda que n'alguns momentos d'expansão exclamava, que havia muito tempo buscava um thesouro, que estava a ponto de encontrar, e que com uma palavra, cuja virtude só ella conhecia, podia lançar na desordem a milicia de Santiago.

A joven Leonor suspeitava então que Isabel tinha a razão transtornada, e escutava-a com terror, que logo dissipavam outras palavras de doçura e confiança, que contribuiam a estreitar sua intimidade e carinho.

D. Vasco estava mui longe de ter encontrado a felicidade no poder soberano, que tanto havia desejado. A estrella que debaixo vira brilhar radiante e clara, convertêra-se em noite escura e tenebrosa. Tremendo sempre por tudo, caminhava sobre as cinzas escaldando da ambição satisfeita. O poder, as honras, o mando, o mestrado tão desejado, tudo se tinha desvanecido ao tocar-lhe com as mãos. Um verme roedor lhe dilacerava o coração, como o insecto vil que vae interiormente corrompendo o fructo, conservando-lhe o exterior formoso e são. Essa nuvem que pairava sobre a sua estrella, o verme que o corroía em meio da apparente felicidade, era o medo, não medo commum, que o homem animoso póde vencer, mas o terror secreto, intimo, permanente, indizivel, que se multiplica debaixo de varias fórmas, que gela o coração, que assalta ao despertar, depois de ter perseguido nos sonhos agitados, que não abandona a sua victima em nenhuma hora do dia.

Aquelle homem, de tão severos costumes, era mais infeliz no seu magnifico convento-palacio, que o ultimo servo da ordem. Uma verdade terrivel o agoniava, e se levantava diante d'elle, para o não abandonar nunca. Era casado com uma mulher que não morrêra, e aquella mulher estava em Uclés! Estava alli, disposta a fallar: talvez o tivesse feito já, talvez n'aquelle instante lhe estivesse escapando dos labios a funesta denuncia, que os inimigos, o rei e seus parciaes recolheriam pressurosos. Era uma mulher que, com a prova na mão, e uma só palavra, o condemnava a uma existencia de mentira e de hypocrisia; que podia accusal-o diante de todos; cobril-o de ignominia; tornal-o desprezivel aos olhos do mundo inteiro; fazel-o descer de tão alta posição a um abysmo, cuja profundidade não se atrevia a medir, nem a calcular o echo ruidoso da sua quéda. Suspensa de continuo sobre sua cabeça a espada de Damocles, via a todas as horas e em todas as partes uma apparição terrivel, que o derribava como a mão mysteriosa ao rei de Babylonia no meio do festim.

Ás continuas instancias que Isabel lhe fazia chegar, respondia com novas dilações. Para responder valia-se de mil estratagemas, disfarçava a letra, empregava nas cartas e mensagens mil rodeios e infinitas precauções, temeroso de subministrar provas de convicção, e como se tivesse esquecido a grande e unica prova que devia levantar-se contra elle ao chegar o momento fatal. Estas respostas eram sempre evasivas, suggeridas umas vezes pelo amor de pae, receioso de separar-se d'aquella filha que não vira crescer para a entregar a uma estrangeira que, ainda que fosse sua mãe, lhe era desconhecida, e a separaria d'elle levando-a longe, para onde quizesse: outras vezes queria conserval-a como um penhor o maior tempo que podesse. E se a mãe, depois de satisfeita, desse novo curso á colera da mulher abandonada com ultrage, e lhe impozesse novas condições, sempre com a bocca cheia de terrivel vingança, como lhe compraria o silencio?

Isabel e Vasco chegaram, em fim, elle á sua ultima dilação, ella á sua ultima ameaça. Vasco fixou dia para se encontrarem. Seria no da Encarnação, 25 de março, depois da festa religiosa com que toda a christandade e a ordem de Santiago celebrava a concepção do Salvador do mundo, ao anoitecer, n'uma das capellas da egreja prioral.

VI.

D. Mendo, e alguns cavalleiros parciaes do rei, que tinham ficado vencidos na eleição, reuniram o seu partido, e pozeram-se em communicação com o rei, que, ainda que com poucas forças, estava em

Cuenca, e cobrára grão pesar pelo desar que a ordem lhe fizera. Accordados que foram, todos os descontentes se puzeram em movimento.

Terminada a eleição, varios commendadores e cavalleiros partiram para os seus mandos e commendas, para os pontos onde estavam suas tropas: entretanto ficaram em Uclés para defesa do mestre, dos principaes dignatarios, e da casa matriz da ordem, trezentos veteranos.

Os descontentes, de que o prior D. Mendo era a alma, tinham as armas preparadas, tudo disposto, e só faltava ajustar dia para a empreza, para o bom exito da qual o rei devia contribuir marchando sobre Uclés com a sua pouca tropa.

Para isso fixaram o dia 24 de março, vespera da Encarnação.

Ramiro, filho adoptivo do prior, com os mais decididos, foi designado para se apoderar pelas trevas da noite do castello, que tinha pouca guarnição, mas estava não mui distante de Uclés, e dominava a povoação. A tomada do castello seria o signal do levantamento: em seguida apoderar-se-hiam das duas torres das portas, e do convento, sobre cuja elevada cupula poriam o estandarte real, ficando o grão-mestre e os cavalleiros prisioneiros, e a primeira das fortalezas da ordem de Santiago á mercê d'el-rei Affonso XI, que então faria celebrar novo capitulo á medida dos seus desejos.

Em vão alguns dos conjurados quizeram fazer ver o perigoso atrevimento d'esta empreza. Desprezaram esses temores. Gentes enthusiasmadas com uma idéa não soffrem nem admittem contradicção. Depois de terem tomado suas disposições, e de darem senha para a noite de 24 de março, separaram-se cheios de confiança. Só dois dias faltavam já para aquelle prazo fatal.

— D. Mendo mesmo será commandante do ataque (dizia um dos conjurados). Ajudado dos mais valentes, tomará o castello que ha sobre o caminho de Cuenca, que o infante D. Manoel levantou. Foi com elle que tem contido tanto tempo Uclés. O defuncto Cornado, a quem Deus tenha em gloria, levou dois annos a tomal-o.

— Sim (respondia outro), D. Mendo é um santo, e um valente. Se occupar as torres das portas que nos farão senhores da terra, o convento não poderá resistir.

— Boa nova (dizia outro); mas se D. Mendo disse que estaria no meio de nós, não póde estar em todas as partes, e de sobra tem que fazer na tomada do castello.

— Quem disse que D. Mendo vae tomar o castello? O chefe dos que iremos assaltal-o não será elle, mas seu filho, que ainda havemos ver com a cruz roxa de Santiago.

— Com a cruz roxa, elle! (disse um dos conspiradores, que talvez não gostava que se confiasse o commando a Ramiro). Está sempre tão triste, que me aterra a fatalidade que parece estampada n'aquella fronte.... Vêde (disse depois apontando para o castello) está alli a fortaleza de que fallâmos, o castello de D. Manoel, que se levanta mais alto que Uclés, e que branqueando no meio das sombras da noite, me parece sudario de fatal agouro para Ramiro.

Ramiro, moço intrepido, cheio d'amor e de ambição, occupado em dispor as cousas, não ouvíra as palavras dos que ao retirar-se faziam conjecturas sobre o resultado da sua empreza aventurosa.

Ramiro estava namorado; Ramiro necessitava ser nobre para poder alcançar o objecto da sua ardente paixão, e por isso sentia-se capaz de arrostar tudo para merecer a mão de Leonor.

Leonor amava Ramiro, amava-o como as mulheres amam pela primeira vez. Em vão com mil precauções inuteis tentára occultar a Isabel, a quem amava com amor para ella até então desconhecido, aquelle nome. Isabel fallava-lhe do que ella amava; muitas vezes lhe perguntava com sollicitude o nome do cavalleiro preferido, e Leonor com o rosto córado pelo pudor, e enleiada, illudia as suas perguntas. Ainda que sempre receava pronunciar aquelle nome na intimidade das conversações, via sempre com prazer as instancias de Isabel para conhecel-o. Que importava o nome de que Isabel podesse servir-se para designar o objecto dos seus amores? Esse nome, que só Leonor sabia, e que guardava no peito com secreto e delicioso culto, como em rico vaso se encerra o perfume delicioso para que se não evapore, esteve muitas vezes a ponto de revelal-o, contendo-a só o temor de que a sua nova amiga desapprovasse a sua escolha.

Uma noite em que respirando com as gelosias abertas o puro ambiente que dos campos visinhos attrahiam as brizas da primavera, tinham as duas amigas passado algumas deliciosas horas em praticas affectuosas, quando nenhum ruido se ouvia na povoação, mais que a grandes intervallos a voz de alerta dos vigias e sentinellas das torres, Isabel instou com Leonor para que cantasse alguma das cantigas dos trovadores. Leonor tomou a harpa, e com voz doce e inspirada revelou a Isabel o segredo que tanto desejava encobrir. Bella, como um anjo, parecia com aquella harpa uma das virgens de Sião diante da arca santa.

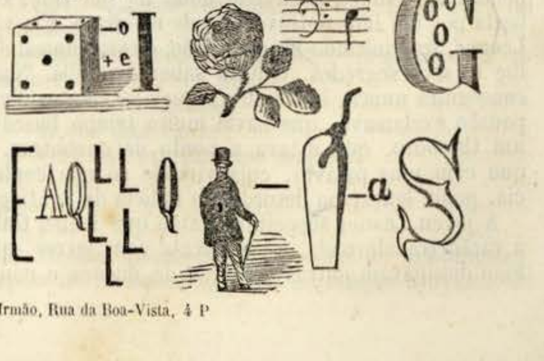
Acabada a canção, em que repetira mais de uma vez o nome de Ramiro, Leonor abraçou commovida Isabel, e lhe disse com os olhos formosos, humidos de pranto, mas brilhantes pelo enthusiasmo e pela inspiração:

— Não posso dizer-lhe que o amo, e talvez que nunca o saiba. Preciso será que alguem lhe diga: — « Vês essa mulher? pois só tu lhe occupas o coração. Passa dias inteiros á espera do momento em que possa ver-te: se vae á egreja, é para ver-te, porque és tu quem ella adora mais na terra. » — Talvez que então olhasse para mim surprehendido, e perguntasse: — « Quem é essa mulher? » — Mas, ou seja com curiosidade, com indifferença ou com desprêzo que pergunte por mim, desejo qualquer d'essas cousas, com tanto que conheça o meu amor.

De repente um lindo ramilhete com um letreiro *A Leonor*, caiu aos pés de Isabel, lançado da rua pelas gelosias entreabertas.

(Continúa).

ENIGMA.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista, 4 P